
**PERIÓDICOS NA SEÇÃO “PUBLICAÇÕES RECEBIDAS” DO
ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO
(LISBOA, 1896-1932)**

Periodicals in the “Received Publications” section of the
Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (Lisboa, 1896-1932)

Tania Regina de Luca¹

RESUMO: O objetivo do artigo é analisar a presença de impressos periódicos na seção “Publicações Recebidas” do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, que figurou em suas páginas de 1896 até o ano de 1932, quando o periódico deixou de circular. Na primeira parte, apresenta-se uma breve trajetória da publicação, com destaque para as alterações na denominação, nos responsáveis e no formato, desde o lançamento em 1852 até o início da nova seção, que ocorreu quando o periódico já ultrapassara quatro décadas de existência.

PALAVRAS-CHAVE: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; Publicações Recebidas; Periódicos; Circulação de Impressos

ABSTRACT: The aim of the article is to analyze the presence of periodical prints in the “Received Publications” section of the *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, which appeared on its pages from 1896 until the year 1932, when the periodical ceased to circulate. In the first part, a brief history of the publication is presented, highlighting changes in its name, those responsible and the alterations in format, from its launch in 1852 until the beginning of the new section, which took place when the periodical had already surpassed four decades of existence.

KEY-WORDS: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; Received Publications; Periodicals; Circulation of Prints

Os almanaques, cuja origem remonta ao século XV, distinguem-se pela enorme variedade em termos das temáticas privilegiadas e da apresentação dos exemplares, tanto que se conta com os de pequenas dimensões, impressos em papel barato, até os luxuosos, em grande formato, diagramação sofisticada e recheados de ilustrações, o que aponta para a plasticidade desse tipo de periódico. Assim, ao lado dos que se poderia denominar de almanaques generalistas, que resistem a enquadramentos por mesclarem, com ênfases diversas, conteúdos os mais variados, surgiram

¹ Departamento de História, Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis) / CNPq

outros com perfis específicos, caso dos administrativos, consagrados a uma cidade, província/estado ou país; dos religiosos, agrícolas, comerciais, charadísticos, literários, femininos, infantis ou de empresas dos mais diversos ramos, de jornais a laboratórios farmacêuticos. A riqueza e pluralidade do que circulou no Brasil pode ser avaliada a partir do catálogo da exposição dedicada ao tema na Fundação Memorial da América Latina (MEYER, 2001), em Portugal, por seu turno, apenas a Biblioteca Nacional guarda mais de oitocentos títulos (ANASTÁCIO, 2012, p. 64). Vários circularam dos dois lados do Atlântico, como é o caso do aqui analisado.

DO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS AO
NOVO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO²

A longa trajetória do impresso iniciou-se com o matemático português Alexandre Magno de Castilho (1803-1860), idealizador do então intitulado *Almanaque de Lembranças*, cuja primeira edição, consagrada ao ano de 1851, foi impressa na Tipografia de M. Cerf, instalada na Grand Rue n. 144, uma das principais vias da comuna de Sèvres, próxima à Paris, capital na qual estava instalada a redação, na Rue de la Chaussée d'Antin n. 18, espaço nobre da cidade.³ Não tardou para que o empreendimento fosse transferido para Portugal, como revela o prólogo do exemplar relativo ao ano de 1854, assinado por Castilho, no qual se lê: “Lisboa, 10 de agosto de 1853”. Os trabalhos gráficos, por sua vez, ficaram inicialmente a cargo de Lucas Evangelista e a tiragem, segundo consta na página de rosto, era de 16000 exemplares.

A data estampada no prólogo revela que a organização dos volumes se iniciava em meados do ano anterior, uma vez que o destino do *Almanaque*

² Todas as referências ao *Almanaque* provêm da coleção pertencente ao Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Do primeiro e do terceiro exemplar, destinados respectivamente aos anos de 1851 e 1853, a coleção só possui as segundas edições, impressas em Lisboa e que não são idênticas às originais, como informou o idealizador. Apenas o segundo (relativo à 1852) foi impresso na França.

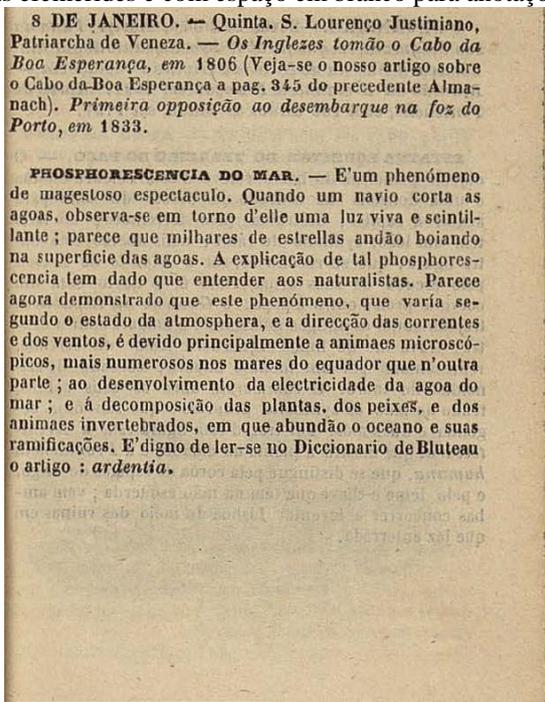
³ Os prólogos de 1852 e 1853 estão datados de Paris e mencionam o referido endereço. Já na segunda edição do número inaugural, impresso em Lisboa em 1853, lê-se “Lisboa, 10 de novembro de 1850”, o que levanta dúvidas acerca do país no qual o projeto foi concebido. Castilho conclamava os leitores a enviarem colaborações, mas em 1851 e 1854 não indicou endereço para tanto e em 1852 e 1853, quando a impressão ainda era feita na França, mencionou, respectivamente, Pedro Diniz, Praça da Alegria, n. 56 e Rua do Arsenal 52. Somente no exemplar de 1862 o dado voltou a figurar: Rua do Arsenal 60, 2º andar, mantido até 1880. Entre 1881 e 1884, nova mudança, desta feita para a Livraria Bertrand, Rua Garrett 73 e 75 e, a partir de 1886, a direção passou a ser a do impressor, Rua Augusta 50-52, depois 44-54, sempre em Lisboa. A informação é relevante por sugerir ausência, com a possível exceção dos anos 1862-1880, de espaço próprio para abrigar a redação.

era acompanhar o leitor ao longo dos dozes meses do calendário civil subsequente, o que requeria que chegasse aos interessados em dezembro ou, no máximo, nos primeiros dias de janeiro. Afinal, almanaques expressavam expectativas do que ainda estava por acontecer e seu sentido utilitário esvaia-se com o correr do tempo, em registro diametralmente oposto ao dos anuários, cujo olhar dirigia-se para o passado, com o propósito de repertoriar feitos do ano transcorrido. Tal caracterização, ancorada na temporalidade encrustada do próprio título – a cada início de ano um almanaque e ao término um anuário – é simplista, como exemplifica o próprio *Almanaque de Lembranças*.

Ao apresentar a nova publicação, Castilho insistiu na variedade de temáticas abordadas, capaz de abarcar todos os ramos do conhecimento, e na utilidade do “livrinho ameno” para estimular a curiosidade. Na perspectiva do autor, nos exemplares “as pessoas instruídas folgarão recordar-se; as outras acharão bastante para apreender” (CASTILHO, 1851, p. 17). Cabe esclarecer que, após os dados relativos às estações do ano, fases da Lua, marés, signos do Zodíaco e outros informes úteis, os demais conteúdos eram distribuídos ao longo ano, ou seja, de 1º de janeiro a 31 de dezembro. Cada dia era acompanhado por notas, em geral curtas, que contemplavam curiosidades, dados históricos, biografias de santos e personagens célebres, informações práticas e/ou científicas, poesias, frases famosas, charadas, distribuídas ao acaso e, por vezes, acompanhadas de iconografia, o que compunha um emaranhado destituído de organicidade (ver Figura 1).

Do ponto de vista do projeto editorial, a ênfase do organizador recaiu nos espaços em branco, disponíveis ao final do volume e de cada um dos dias do ano, como se observa na Figura 1. O matemático sugeriu aos leitores que neles anotassem toda sorte de tarefas, pagamentos, aniversários ou convites e evocou o exemplo das *agendas* dos franceses, termo que, quiçá em busca de legitimação, ele fez questão de citar em itálico, para indicar que se valia da língua de Molière. Argumentou que a reunião dos compromissos num único lugar constituía-se em antídoto contra esquecimentos e que as anotações dariam oportunidade a consultas futuras que “não poucas vezes despertará saudosas e agradáveis recordações”, passíveis de serem identificadas com precisão, pois estariam registradas no espaço correspondente a cada dia do ano. Por fim, mas não menos importante, o procedimento ainda estimularia a aquisição do “espírito de ordem” (CASTILHO, 1851, p. 19).

Figura 1: Exemplo de distribuição do conteúdo, encimado pelo dia do ano e respectivas efemérides e com espaço em branco para anotações ao final



Fonte: *Almanaque de Lembranças para o ano de 1852*, p. 41.

Compreende-se, assim, o sentido do título *Almanaque de Lembranças*. Lembranças relativas aos conteúdos informativos, não contaminados pelo teor utilitário da marcação do tempo, mas também acrescidas de um conjunto de anotações feitas pelo(s)/a(s) leitor(es)/a(as)-escritor(es)/a(s). Cada exemplar adquiria, portanto, sentido particular e somente se completaria ao cabo de doze meses, com participação ativa daquele(s)/a(s) que o manuseava. Em vez de descartar a edição, destituída de valor de uso e substituí-la pela subsequente, o proprietário deveria conservá-la, seja pelos ensinamentos que continha, seja por registrar sua própria trajetória, num esforço para dotar de perenidade um tipo de publicação que trazia a marca do efêmero. Esse investimento também se expressava na remissão das temáticas entre os diferentes anos, prática que vigorou enquanto Castilho respondeu pela publicação, como se observa nas Figuras 1 (junto à data) e 2 (final do texto). Não se pode esquecer que os impressos periódicos não desfrutavam da legitimidade do livro, tanto que era comum que seus

editores oferecessem capas para encadernar os exemplares ao final de seis ou dozes meses, de modo a formar um grosso volume.

Figura 2: Exemplo de remissão de assunto entre diferentes exemplares do *Almanaque*



Fonte: *Almanaque de Lembranças para o ano de 1859*, p. 213.

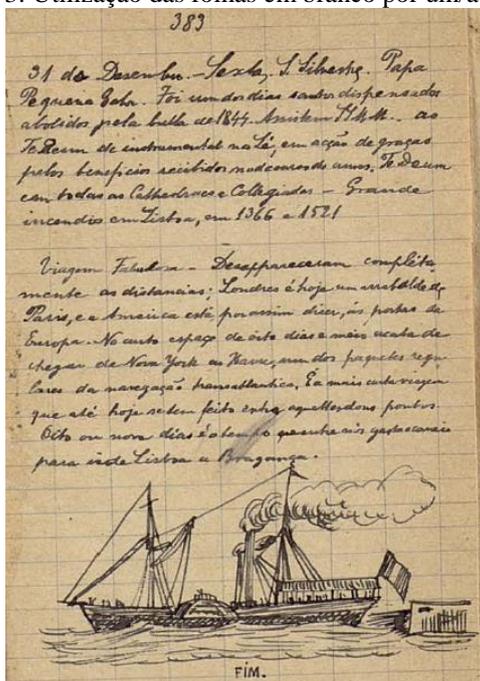
No caso do *Almanaque de Lembranças*, tampouco estavam ausentes intentos pedagógicos e morais, pois Castilho esperava que a prática de selecionar, ordenar e registrar a vida cotidiana contribuísse para aquisição de novos hábitos, associados às noções de sistematização, planejamento e método. Não tardou para que suas esperanças fossem frustradas, tanto que já no prólogo do volume destinado a 1853 ele informou que desistiu dos espaços em branco depois de descobrir que suas prescrições não eram seguidas, o que talvez possa ser tomado como indício do modesto grau de difusão da escrita. Nas suas palavras:

Conheci que não passava de teoria o meu pensamento de deixar um espaço no fim de cada artigo, para que o leitor aí pudesse escrever as lembranças do dia próprio. Todas quantas pessoas consultei sobre o emprego que faziam de tais espaços, sincera e francamente me responderam que nada neles escreviam

(CASTILHO, 1853, p. 15).

Entretanto, cabe assinalar que, no exemplar de 1852 conservado no acervo do Clepul, numa das páginas em branco acrescentadas ao final, o/a leitor/a registrou as atividades que marcaram o dia de São Silvestre e, ainda, seu otimismo e admiração frente às inovações trazidas pela utilização do vapor, fonte de energia que tornou possível realizar, em apenas oito dias e meio, a ligação entre Nova York e o Havre, mesmo tempo que o correio então levava entre Lisboa e Bragança. Além das considerações sobre o encurtamento das distâncias, o/a autor/a fez questão de desenhar um navio expelindo fumaça (ver Figura 3). O exemplo atesta que, pelo menos parte dos que compraram o *Almanaque*, utilizaram-no segundo as sugestões de Castilho.

Figura 3: Utilização das folhas em branco por um/a leitor/a



Fonte: *Almanaque de Lembranças para o ano de 1852*, p. 383, numerada pelo autor do texto e desenho.

A partir da edição relativa ao ano de 1855, o título incorporou referências geográficas e passou a aludir ao ideal de alcançar os dois lados do

Atlântico: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. A novidade exigiu mudanças em termos da materialidade, com a impressão de duas versões distintas na parte relativa ao calendário, como explicou Castilho no prólogo do referido ano. Em 1856, em função da ampliação do público leitor, ele precisou que a tiragem atingiu vinte mil exemplares (CASTILHO, 1856, p. 5), números bastante expressivos para a época e superiores aos dezesseis mil de 1854. Pouco depois, os que residiam no Império brasileiro foram convidados a enviar colaborações, cabendo ao Conselheiro José Feliciano Castilho Barreto e Noronha (1819-1879), intelectual português que se estabeleceu no Rio de Janeiro em 1846, recebê-las, mas não houve preocupação de indicar o endereço (CASTILHO, 1858, p. 18). Noronha continuou a desempenhar a tarefa até seu falecimento, sem que nenhum outro contato no Brasil tenha sido mencionado. Note-se que a tarefa de intermediação esteve a cargo de um indivíduo – e não de uma editora ou representante comercial.

Ao ampliar a circulação do *Almanaque* Castilho tinha em vista a relevância do mercado brasileiro, aspecto sempre considerado por escritores e editores portugueses, como bem sintetizou, no início do século XX, Jaime Batalha Reis (1847-1935), não sem uma ponta de ressentimento:

O mercado com que principalmente contam os editores de livros na língua portuguesa, – quer de autores portugueses, quer de brasileiros, – é o Brasil [...]. A publicação das obras dos próprios autores portugueses só é, em geral, economicamente possível, se o Brasil os conhece e os compra. Há obras de autores brasileiros publicadas em Portugal, – em Lisboa, no Porto, em Coimbra, – e ninguém em Portugal as lê, nem as conhece. Não sei se os brasileiros leem mais que os portugueses; mas sei que compram muito mais livros do que estes (REIS, 1988, p. 52-53).

Ao se transformar em luso-brasileiro, a logística associada à produção e circulação do *Almanaque* tornou-se mais complexa: aumento da tiragem, organização de duas edições, distribuição em Portugal, nas possessões ultramarinas e no Brasil. No *Almanaque* para 1858, Castilho explicou que a composição do número subsequente seria iniciada ainda em dezembro de 1857, com impressão concluída em abril, de modo a assegurar largo tempo para a venda nos diferentes continentes. Assim, eventuais interessados em colaborar deveriam ter em vista esses prazos (CASTILHO, 1858, p. 17). A advertência remete para as possibilidades técnicas vigentes nas oficinas tipográfica em meados do Oitocentos, assim como nos meios de comunicação, circunstâncias que demandavam empenho significativo para

produzir, na quantidade necessária, diferentes versões do impresso, sem comprometer sua chegada às mãos dos interessados. Entretanto, pode-se duvidar da eficácia desse primeiro alerta, pois, quando os eventuais colaboradores receberam a informação, os tipográficos já deveriam estar às voltas com a composição das páginas. Nos anos subsequentes, o aviso continuou a ser repetido, com os procedimentos de edição iniciando-se cada vez mais cedo. Assim, os exemplares de 1861 deveriam estar prontos em janeiro ou fevereiro do ano anterior, conforme nota não assinada (*Almanaque de 1861*, p. 5).

Falecido o fundador do *Almanaque* em maio de 1860, coube ao seu sobrinho homônimo, Alexandre Magno de Castilho, Tenente da Armada, nascido em 1834 na cidade francesa de Puy-en-Velay, assumir a direção do projeto, auxiliado pelo poeta, político e bacharel em Direito Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro (1819-1896), conforme registrado em 1862. A mudança de mãos não implicou em modificações na ordenação do conteúdo, que continuou a seguir os padrões vigentes desde a fundação.

Alterações dignas de nota são perceptíveis apenas em 1872, quando Cordeiro figurou como único responsável, em razão do passamento do segundo Castilho, ocorrido no ano anterior.⁴ O adjetivo “novo” foi acrescido para marcar a transferência da propriedade do título, que permaneceu na família Cordeiro até a penúltima edição (1931), cabendo a responsabilidade da derradeira (1932) a Armando de Lima Pereira.⁵ Contudo, as novidades também alcançaram a estruturação dos conteúdos, com o abandono da prática de sempre vincular os múltiplos temas, produção literária e parte recreativa a um dia específico do ano. Tal decisão abriu a possibilidade da criação de seções específicas, o que de fato acabou por ocorrer, como exemplifica “Publicações Recebidas”.

Até o exemplar relativo ao ano de 1885, várias foram as empresas responsáveis pela impressão do *Almanaque* – Lucas Evangelista (1855), Tipografia Universal (1856), Imprensa Nacional (1857-1859), Tipografia Franco-Portuguesa (1860-1870), Lallemand Frères (1871-1884). Daí em diante, ou seja, para o ano de 1886, impresso ainda em 1885, a tarefa sempre coube à empresa de Antônio Maria Pereira (1824-1880), fundada em 1848 e dirigida por seus sucessores até o início dos anos 1970, quando a propriedade

⁴ Cordeiro (1872, p. 5-13) teceu elogios ao amigo falecido e forneceu dados biográficos a seu respeito. Sobre Xavier Cordeiro, ver o extenso necrológico de autoria do seu sobrinho (CORDEIRO, 1898, p. V-LI).

⁵ SARMENTO e NOGUEIRA (1999, p. 119-129) mencionam o reaparecimento do título em 1954, primeiro como *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e, no mesmo ano, nova edição com o acréscimo do termo novo no título. De fato, são edições especiais, consagradas a poetas portugueses e brasileiros. Assim, apesar da retomada da denominação, não se trata de continuação, pois não há qualquer relação entre as duas propostas.

foi transferida para outras mãos.⁶ A antes Livraria de António Maria Pereira passou, a partir de 1899, a denominar-se Parceria António Maria Pereira Livraria Editora, empreendimento que alcançou significativo destaque no cenário editorial português, especialmente no período em que respondeu pela impressão do *Almanaque*. Cabe lembrar que, desde 1885, toda a correspondência dirigida ao impresso, fosse do Brasil ou de Portugal, deveria ser enviada para a sede da empresa. É difícil precisar se a propriedade do impresso permaneceu exclusivamente nas mãos de Cordeiro e seus descendentes, cabendo à empresa de António Maria apenas prestar serviços de impressão, como parece ter sido o caso das antecessoras, ou se, pelo contrário, o impressor tornou-se coproprietário do título.⁷

No que respeita ao gênero almanaque, as informações fragmentadas e, no mais das vezes marcadas pela superficialidade, estão na origem da percepção pouco abonadora que cercou esse gênero de periódico, consagrada na expressão cultura de almanaque. Tal fato, porém, não impediu a sua enorme difusão, sobretudo entre o final do XIX e o início do XX. Na passagem do octogésimo aniversário, o *Diário de Lisboa* dedicou artigo ao *Novo Almanaque*, reproduzido em suas páginas. Apesar de louvar a longevidade e tenacidade da publicação, considerada quase uma instituição nacional, apontou o quanto havia de velho e desgastado na fórmula do *Novo Almanaque*, o que não impediu o articulista de reconhecer o papel desempenhado e o brilho de antanho, expresso no rosário de nomes célebres que já haviam ocupado suas páginas: Maria Amália Vaz de Carvalho, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Candido Figueiredo, Tomás Ribeiro, Bulhão Patos, Gervásio Lobato, Pinheiro Chagas, para citar parte da longa lista, que incluiu, ainda, os brasileiros Olavo Bilac, Machado de Assis, Raimundo Correia. E como se o autor pressentisse que honrava uma tradição prestes a desaparecer, concluiu que o velho *Novo Almanaque* “guarda um certo perfume, como os frascos antigos vazios” (80 anos de vida, 1931, p. 8). A longevidade do impresso, que ao longo de décadas foi lido por portugueses e brasileiros, abre múltiplas possibilidades de pesquisa.⁸

⁶ No início do século XXI, a empresa voltou à família do fundador. Para o percurso do empreendimento no século XX, sua proximidade com Salazar, as dificuldades enfrentadas na década de 1950 e a retomada dos descendentes, consultar: MEDEIROS (2010, p. 145-148).

⁷ O fato de a correspondência ser dirigida ao endereço de António Maria não é um dado decisivo, pois, conforme já se destacou, na maior parte da sua existência a publicação não dispôs de espaço físico para abrigar a redação.

⁸ O periódico tem recebido particular atenção graças ao projeto liderado pela professora Vania Pinheiro Chaves, junto ao CLEPUL, que resultou em muitas publicações, a exemplo de: CHAVES (2012, p. 111-121 e 2014), CHAVES, LOUSADA, ABREU (2015), ao que se soma os de COSTA (2016) e DUTRA (2005, p. 116-127).

PERIÓDICOS NA SEÇÃO “PUBLICAÇÕES RECEBIDAS”

O lugar ocupado pelo *Novo Almanaque* era bem diverso em 1896, momento em que o adjetivo do título ainda não tinha perdido a sua força. A coleção, que chegava ao quadragésimo sexto volume, circulava no Brasil desde 1855. Nesse interregno, a oferta de publicações, fossem livros, jornais, revistas, boletins, anuários ou almanaques, conheceu grande difusão, graças à incorporação do vapor nas prensas e às muitas inovações técnicas no processo de composição e de impressão introduzidas nas tipografias, o que permitiu tanto a produção de periódicos a preços módicos quanto sua significativa diversificação, ao que se soma o avanço, ainda que lento no Brasil e em Portugal, do letramento. A rapidez dos transportes marítimos, por sua vez, tornou previsível o tempo de travessia do Atlântico Sul e o estabelecimento de rotas regulares, pois as embarcações já não dependiam dos ventos, aspecto essencial para os periódicos, que exigiam pontualidade na entrega.

Os leitores do *Almanaque* estavam familiarizados com o subtítulo “Ofertas”, no qual eram listados quatro ou cinco títulos com o protocolar recebemos e agradecemos. Em 1895, contudo, após o registro, informou-se que: “Doravante daremos notícia e apreciação, em seção especial, dos livros que nos forem oferecidos. Será uma das seções que inauguraremos no próximo ano” (Ofertas, 1895, p. 96). Apesar de ter novos planos para a publicação, a saúde do então proprietário dava sinais de enfraquecimento, tanto que, no mesmo volume, lamentou os transtornos causados por não ter podido acompanhar de perto a edição do *Almanaque* (Expediente, 1895, p. 87). E, de fato, no ano seguinte, pela primeira vez, surgiu o cargo de secretário da redação, ocupado pelo seu sobrinho, Antônio Xavier de Sousa Carneiro que, após a morte do tio, em dezembro de 1896, assumiu o empreendimento.

A seção, que figurava logo após texto que homenageava personagens da cultura luso-brasileira, continuou a ser publicada por trinta e dois anos, até a derradeira edição do *Novo Almanaque*. Não se pode dizer que os leitores estavam diante de uma novidade. Era comum que jornais e revistas fizessem esse tipo de registro, até com a mesma denominação, “Publicações Recebidas”, por vezes, “Recebemos” ou, ainda, “Revista das revistas”. De fato, o próprio *Almanaque* testemunha a difusão generalizada do envio às redações de livros, número inaugural de periódicos ou de um novo exemplar lançado, gentileza que os presenteados retribuía com agradecimentos, o que garantia algumas linhas de divulgação gratuita. No mais das vezes, tratava-se de breve menção, sem maiores comentários, o que não se confunde com resenha ou análise circunstanciada.

Essa prática, aparentemente singela, é instigante pois, de um lado,

pode ser tomada como reconhecimento da importância do destinatário, afinal, os remetentes consideravam relevante informar acerca de sua existência, na expectativa de serem citados. A atitude, sem dúvida interessada, também se constituía numa forma indireta de legitimação dos agraciados, daí a relevância de informar os leitores do recebimento. Nesse sentido, é interessante acompanhar a observação publicada quando da primeira ocorrência da seção no *Novo Almanaque*: “A todos os remetentes agradecemos a atenciosa deferência; e especialmente agradecemos aos ilustres autores de algumas das publicações mencionadas que acompanha as frases altamente obsequiosas e amáveis, que acompanham os seus oferecimentos” (Publicações Recebidas, 1896, p. 40). Via de mão dupla, as trocas estabelecidas entre os que enviavam e os que recebiam permitem avaliar o grau de capilaridade e alcance, inclusive geográfico, dos intercâmbios, além de fornecer um panorama, por certo parcial, do que estava disponível no mercado.

Nos anos iniciais, “Publicações Recebidas” ficava a meio caminho entre o simples registro – recebemos e agradecemos – e a análise, pois era comum o acréscimo de considerações, sempre mais detidas para os livros do que para os periódicos. Veja-se, a título de exemplo, o texto relativo ao primeiro impresso periódico citado na seção:

Almanaque do Amazonas para 895. Organizado pelo bacharel Augusto de Ataíde e Artur Cardoso de Oliveira. Manaus, Tipografia do Amazonas.

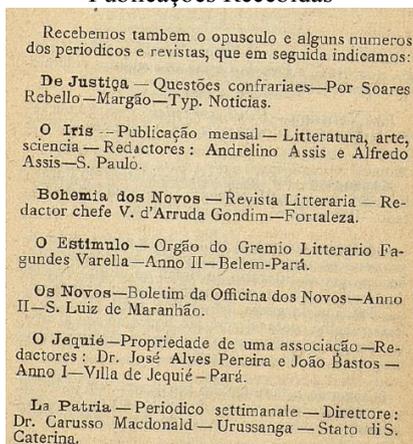
Um volume de 223 páginas, em oitavo grande, onde o útil se acha reunido ao agradável. Além da seção administrativa e comercial, que é abundante de notas e informações úteis especialmente para os habitantes da importantíssima região a que é destinado. Contém o *Almanaque do Amazonas* uma escolhida seção literária onde se encontra variada leitura em prosa e verso, charadas e diversões etc. Entre os artigos publicados destaca-se, por muito bem escrito, o que tem por título – *Do Ceará ao Amazonas* – devido à pena da Exma. Senhora Emília Freitas. Endereçamos as mais cordiais boas-vindas ao novo colega, desejando-lhe um futuro de prosperidades e felicitando-o pelo modo auspicioso como se apresenta (*Almanaque do Amazonas*, 1896, p. 38).

“Publicações Recebidas” não era estruturada de maneira cuidadosa, tanto que os livros se sucediam sem que houvesse preocupação de reuni-los em função da temática, ordem alfabética de títulos ou autores, editor ou local de impressão, circunstância que se manteve ao longo do tempo e que também

se aplica aos periódicos. A distribuição parecia responder mais às conveniências do diagramador do que a qualquer organização pré-determinada, tanto que sequer havia separação entre livros e periódicos. Nos primeiros anos, os títulos invariavelmente eram acompanhados de comentários, qualquer que fosse sua natureza, com extensão bastante variável, prática que tendeu a esmaecer no decorrer do tempo.

É bem possível que a decisão de criar um espaço específico para divulgar os exemplares recebidos tenha animado os proprietários de jornais e revistas, em vista da difusão alcançada pelo *Almanaque*, ao que se soma o fato de bastar a remessa de apenas um ou alguns exemplares para que a publicação fosse mencionada. É importante insistir nesse ponto: não se tratava de busca ativa, ou seja, dava-se a conhecer o que chegava às mãos dos responsáveis pelo *Almanaque*, fosse por oferta de colaboradores ou iniciativa de autores e editores. Não havia, portanto, a intensão de fornecer um panorama exaustivo, o que demandaria sair à cata do que fora lançado. O título da seção é, nesse sentido, bastante explícito. Talvez em vista do volume recebido, a partir de 1903, a seção passou a ser encerrada com uma lista de títulos, acompanhada de dados sumários (título, local de edição e, por vezes, data), precedida da frase: “Recebemos também alguns números dos seguintes periódicos e revistas” (ver Figura 4). Tal prática continuou a vigorar nos anos subsequentes, ou seja, voltava-se, pelo menos para parte do material, à fórmula anterior, pois apenas alguns periódicos eram dignos de descrições e/ou apreciações mais detidas, sempre entremeados aos livros.

Figura 4: Exemplo de listagem de periódicos que fechava a seção “Publicações Recebidas”



Recebemos também o opusculo e alguns números dos periódicos e revistas, que em seguida indicamos:

De Justiça — Questões confrariaes—Por Soares Rebello—Margão—Typ. Noticias.

O Iris — Publicação mensal — Litteratura, arte, sciencia — Redactores: Andreino Assis e Alfredo Assis—S. Paulo.

Bohemia dos Novos — Revista Litteraria — Redactor chefe V. d'Arruda Gondim—Fortaleza.

O Estimulo — Orgão do Gremio Litterario Fagundes Varella—Anno II—Belem-Pará.

Os Novos—Boletim da Oficina dos Novos—Anno II—S. Luiz de Maranhão.

O Jequié—Propriedade de uma associação—Redactores: Dr. José Alves Pereira e João Bastos — Anno I—Villa de Jequié—Pará.

La Patria — Periodico settimanale — Direttore: Dr. Carusso Macdonald — Urussanga — Stato di S. Caterina.

Fonte: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1904*, p. LXIV.

A análise sistemática indicou a menção de 347 títulos, que somaram 548 ocorrências, já que vários compareceram em mais de uma oportunidade na seção. Aliás, chama atenção que 263 (75,8%) deles tenham figurado apenas uma vez no decorrer de trinta e dois anos, circunstância que talvez possa ser explicada pela breve duração de muitos títulos, acometidos pelo que Bilac denominou de mal dos sete números, ainda que não se possa descartar a perda de interesse dos responsáveis, que podem ter considerado ineficaz o esforço ou, ainda, considerado pouco satisfatória a maneira como foram referenciados.

Dos 84 que se repetiram, é significativo que 44 o tenham feito por duas vezes e 24 por três, somando, portanto, 68 títulos, enquanto os dezesseis mais assíduos variaram de quatro até, no máximo, trezes comparecimentos, cabendo o protagonismo ao *Almanaque das Senhoras* que, vale destacar, era então editado pela Parceria Antônio Maria Pereira, a mesma que respondia pela impressão do *Almanaque de Lembranças*. É interessante observar que somente no exemplar destinado ao ano de 1913 o *Almanaque* lisboeta foi anunciado, a despeito de há muito já ser impresso pela Parceria, e que tampouco houve, daí em diante, preocupação de mencioná-lo de forma constante. Aliás, além do *Almanaque das Senhoras*, somente mais três publicações estampavam a chancela da Parceria: o *Almanaque Ilustrado*, reportado em 1913, 1919 e 1920, *Branco e Negro*, semanário ilustrado, citado em 1897, e o *Almanaque Branco e Negro*, subproduto do anterior, mencionado em 1899.

Quadro 1: Títulos com quatro ou mais ocorrências na seção “Publicações Recebidas”

Título	Ano no Almanaque	Local	Total
1. <i>Almanaque das Senhoras</i>	1913; 1914; 1919; 1920; 1921; 1922; 1923; 1924; 1925; 1926; 1927; 1928; 1929	Lisboa	13
2. <i>Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano</i>	1898; 1899; 1900; 1901; 1902; 1903; 1904; 1905; 1906; 1911	Recife, PE	10
3. <i>A Palavra</i>	1914; 1915; 1916; 1917; 1918; 1919; 1922; 1923; 1924	Belém, PA	9

4. <i>O Charadista</i>	1925; 1926; 1927; 1928; 1929; 1930; 1931; 1932	Lisboa	8
5. <i>Boletim mensal de estatística demógrafo sanitária de Belém</i>	1907; 1908; 1909; 1910; 1911; 1913; 1914	Belém, PA	7
6. <i>A Lavoura Paraense</i>	1909; 1910; 1911; 1912; 1913; 1914; 1915	Belém, PA	7
7. <i>Jornal de Charadas</i>	1925; 1927; 1928; 1929; 1930; 1931; 1932	Rio de Janeiro	7
8. <i>Gazeta de Pesqueira</i>	1905; 1906; 1907; 1908; 1912; 1914	Pesqueira, PE	6
9. <i>Diário de Pernambuco</i>	1906; 1907; 1908; 1909; 1910; 1916	Recife, PE	6
10. <i>Almanaque Popular Brasileiro</i>	1897; 1898; 1903; 1904; 1905	Pelotas; Porto Alegre, RS	5
11 <i>Para as crianças: publicação mensal</i>	1899; 1901; 1902; 1910; 1912	Setúbal	5
12 <i>Jornal de Notícias</i>	1906; 1907; 1908; 1911; 1914	Salvador, BA	5
13 <i>Folha de Lavras</i>	1915; 1916; 1918; 1919; 1920	Lavras, MG	5
14 <i>Almanaque de Pernambuco</i>	1900; 1907; 1908; 1913	Recife, PE	4
15 <i>O Estímulo: órgão do Grêmio Literário Fagundes Varella</i>	1903; 1904; 1905; 1906	Belém, PA	4
16 <i>O Proscênio: órgão da sociedade dramática do Feitosa</i>	1911; 1912; 1913; 1914	Recife, PE	4

Fonte: elaborado pela autoria.

O Quadro 1 expressa tendência que se confirma para o conjunto, com nítida predominância do Brasil, que manteve a dianteira com a presença de 283 diferentes publicações e 425 ocorrências. De Portugal, constam 48 impressos periódicos, cujas menções chegam a 82, enquanto os provenientes das colônias atingem, respectivamente 13 e 17. Outros países comparecem de

forma bissexta: uma publicação de Londres, referida duas vezes, outra de Uppsala, todas ofertadas por um colaborador, além de um registro para a cidade Turim, montantes que comprovam a circulação do *Novo Almanaque de Lembranças* no espaço lusófono.

A supremacia do Brasil é compreensível, tendo em vista as dimensões do país. O que surpreende é a predominância, aliás também expressa no Quadro 1, de material editado na região Nordeste, seguida pelo Norte e o Sudeste, com porcentagens praticamente idênticas, o que está na contramão da ênfase normalmente atribuída ao que era produzido nas capitais do sudeste.

Quadro 2: Periódicos brasileiros na seção “Publicações Recebidas”, distribuição por região⁹

Região	Quantidade	%
Nordeste	147	53,6
Norte	59	21,5
Sudeste	56	20,4
Sul	19	6,9
Centro-Oeste	02	0,7
Total	282	100

Fonte: elaborado pela autoria.

O desdobramento dos dados por estado (ver Quadro 3) permite observar, de forma mais precisa, a proveniência dos títulos, o que testemunha o desinteresse de editores de jornais e revistas que já desfrutavam de prestígio e atingiam ampla tiragem de figurar nas páginas do *Novo Almanaque*. É possível encontrar exemplos na direção contrária, caso do *Diário de Pernambuco*, de Recife, do *Jornal de Notícias*, de Salvador, ou do matutino carioca *Gazeta de Notícias*, citado uma vez em 1915, que figuraram nas “Publicações Recebidas”, tal como publicações de instituições culturais, a exemplo da *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano Histórico* ou do *Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi* (uma ocorrência) e mesmo do jornal anarquista *A Guerra Social*, presente na listagem final do exemplar destinado ao ano de 1913, o que acaba por confirmar a regra, tendo em vista que se trata de ocorrências bissextas.

⁹ Na elaboração dos quadros, respeitou-se a identificação do local de publicação tal como figura no *Almanaque*, ainda que, por vezes, restem dúvidas quanto à sua exatidão.

Quadro 3: Periódicos brasileiros na seção
 “Publicações Recebidas”, distribuição por estado

Estados do Brasil	Quantidade	%
Pernambuco	52	19,0
Pará	509	18,2
Ceará	40	14,6
Bahia	31	11,3
Minas Gerais	21	7,7
São Paulo	19	6,9
Rio de Janeiro	16	5,8
Paraná	8	2,9
Rio Grande do Sul	8	2,9
Amazonas	6	2,2
Maranhão	6	2,2
Piauí	6	2,2
Alagoas	5	1,8
Acre	3	1,1
Rio Grande do Norte	3	1,1
Santa Catarina	3	1,1
Sergipe	3	1,1
Mato Grosso	1	0,4
Paraíba	1	0,4
Goiás	1	0,4
Total	282	100

Fonte: elaborado pela autoria.

É difícil precisar se o envio do que consta na seção foi, de fato, realizado pelos responsáveis, ou se o exemplar chegou ao *Novo Almanaque de Lembranças* por outras vias. Entra em cena a própria ambiguidade contida no termo recebida, uma vez que a oferta não necessariamente precisaria ter sido feita por proprietários, editores, diretores ou colaboradores. Entretanto, em vista da predominância de pequenas cidades do interior do país, é possível argumentar que é pouco provável que tais exemplares tenham chegado à Lisboa por terceiros. A título de exemplo, pode-se citar a procedência de algumas das publicações mencionadas na seção: Muaná (Ilha

do Marajó), Cruzeiro do Sul (Acre), Barra do Corda (MA), Florianópolis (PI), Mulungu (CE), Canhotinho (PE), Estância (SE), Santo Antônio de Jesus (BA), Divinópolis (MG), Jundiá (SP), Urussunga (SC) e Palmeira das Missões (RS), o que testemunha a difusão alcançada pelo *Novo Almanaque de Lembranças* e colabora para compreender sua longevidade. Pode-se perguntar, porém, como se dava o processo de distribuição do *Almanaque* no Brasil, uma vez que não há, em suas páginas, indicação de responsáveis locais pela realização da tarefa, o que permite supor que a remessa fosse feita de Portugal para os assinantes.

De outra parte, os títulos presentes na seção fornecem indícios acerca da imprensa para além dos grandes centros e apontam para sua pluralidade e diversidade, ainda não registradas de maneira sistemática na historiografia brasileira. O pesquisador se vê diante de um caleidoscópio que inclui algumas publicações consagradas e uma miríade de pequenas folhas jocosas, charadísticas, de entidades religiosas, recreativas, carnavalescas, grêmios literários, dramáticos e/ou artísticos; autointituladas jurídicas, científicas, operárias, maçônicas ou de partidos políticos; publicações voltadas para a lavoura, o comércio e/ou indústria; para o público feminino e o infantil; fundadas por imigrantes e, por vezes, redigidas em língua diversa do português. A maior parte produzida de forma artesanal, por abnegados que acreditavam na força da palavra escrita. Testemunhos de valores, hábitos e gostos, desafios e esperanças, práticas sociais difundidas, a exemplo da leitura de almanaques, tanto que na seção foram repertoriados 44 deles, 28 brasileiros, 16 portugueses e cinco deles editados em regiões coloniais.

No que concerne à Portugal, o destaque fica por conta da cidade de Lisboa, seguida do Porto, Funchal, Évora e Setúbal, com mais de uma ocorrência. A dispersão territorial também é significativa, como se observa no Quadro 4.

Quadro 4: Distribuição dos títulos impressos em Portugal citados na seção

Cidade	Quantidade	%
Lisboa	17	35,4
Porto	08	16,6
Funchal	05	10,4
Évora	03	6,2
Setúbal	02	4,1
Ançã, Aveiro, Coimbra, Ilha de Santa Maria, Ílhavo, Lousada, Paredes de Coura, Ponte de Lima, Ovar, Ponta Delgada, Rio Maior, Viana do Castelo, Vila Nova de Portemão	01	2,1 (27,3)
Total	48	100

Fonte: elaborado pela da autoria.

Em relação às áreas coloniais, a Índia Portuguesa compareceu com cinco títulos (4 de Nova Goa e um de Bastorá), enquanto do continente africano foram citados dois impressos produzidos em Lourenço Marques (Moçambique), quatro em Angola (dois em Nova Redondo, um em Luanda e outro em Benguela) e, por fim, um na Ilha do Fogo (Cabo Verde).

A ordenação sistemática dos títulos citados não deixa dúvidas quanto à predominância da presença brasileira na seção, o que contrasta fortemente com os dados a respeito dos livros, como bem indica o artigo de Silvia Maria Azevedo. No que tange aos periódicos, a Parceria António Maria Pereira figura de maneira episódica, ainda que o *Almanaque das Senhoras* tenha sido a publicação mais citada. Note-se, porém, que o foi apenas treze vezes, montante modesto em vista do período de existência da seção, o que mais uma vez é diverso do que se observa para os livros. Para futuros pesquisadores, resta o desafio de localizar as publicações citadas, verificar por quanto tempo circularam e estabelecer se a presença esporádica no *Novo Almanaque de Lembranças* pode, de fato, ser explicada pela curta existência dos títulos. Caberia investigar, ainda, se o próprio *Almanaque* foi citado nas páginas dos periódicos brasileiros e portugueses e, em caso afirmativo, em que termos se deu tal referência, esforço que colaboraria para reconstituir a rede transatlântica que enredava esses impressos. Igualmente desafiante é a diversidade e variedade de jornais, revistas, boletins e almanaques produzidos em diferentes cidades brasileiras, redescobertos graças às notas publicadas nas singelas páginas do *Almanaque*, que revelam a força da cultura impressa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

80 anos de vida. *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1931*, p. 5-8.

Almanaque de 1861. *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1860*, p. 5.

Almanaque do Amazonas. Seção Publicações Recebidas. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro para o ano de 1886*, p. 38.

ANASTÁCIO, Vanda. Almanagues: origem, gêneros, produção feminina. *Veredas*. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas. Santiago de Compostela, n. 18, p. 53-74, 2012. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34502/1/Veredas18_artigo3.pdf?ln=pt-pt. Acesso

em: 18 mar. 2023.

CASTILHO, Alexandre Magno de. Almanaque de 1859. *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1858*, p. 17-18.

CASTILHO, Alexandre Magno de. Duas palavras. *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro para o ano de 1856*, p. 5.

CASTILHO, Alexandre Magno de. Prólogo. *Almanaque de Lembranças para o ano de 1851*, p. 15-20.

CASTILHO, Alexandre Magno de. Prólogo. *Almanaque de Lembranças para o ano de 1853*, p. 15-16.

CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014.

CHAVES, Vania Pinheiro. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* na história da cultura e das literaturas de Portugal e do Brasil. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Percursos críticos em história da literatura*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 111-121;

CHAVES, Vania; LOUSADA, Isabel; ABREU, Carlos. *As senhoras do Almanaque. Catálogo da produção de autoria feminina*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2015.

CORDEIRO, António Xavier de Sousa Cordeiro. António Xavier Rodrigues Cordeiro. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1898*, p. V – LI.

CORDEIRO, António Xavier Rodrigues. Alexandre Magno de Castilho. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro par ao ano de 1872*, p. 5-13.

COSTA, Filipe Manuel Baptista Ribeiro. Do material ao imaterial. Procissões, festas e romarias no *Almanach de Lembranças* (1851-1932). Mestrado (História e Património, Ramo de Mediação Patrimonial). Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/86720>. Acesso em: 20 mar. 2023.

DUTRA, Eliana de Freitas. Laços fraternos. A construção imaginária de uma

comunidade cultural luso-brasileira no “Almanaque de Lembranças”. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 1, p. 116-127, 2005.

Disponível em:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Lacos_Fraternos.PDF
. Acesso em: 15 mar. 2023.

Expediente. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1895*, p. 85.

MEDEIROS, Nuno. *Edição e editores. O mundo do livro em Portugal. 1940-1970*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

Ofertas. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1895*, p. 96.

Publicações recebidas. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1896*, p. 46.

REIS, Jaime Batalha. *O descobrimento do Brasil intelectual pelos portugueses do século XX*. Organização, prefácio e notas de Elza Miné. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

SARMENTO, Clara; NOGUEIRA, Carlos. “Novo Almanach de Lembranças Luso Brasileiro”: Mirror of a Culture. *Portuguese Studies*, v. 15, p. 119-129, 1999. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41105122>. Acesso em 19/03/2023. Acesso em: 20 mar. 2023.

Recebido em: 17 ago. 2023

Aprovado em: 09 nov. 2023